

PENSAR EDUCAÇÃO: O PRAGMATISMO E A CRÍTICA DE HANNAH ARENDT¹

Carolina Lima dos Santos²

RESUMO

Este trabalho possui o objetivo de apresentar reflexões da Filósofa Hannah Arendt sobre a educação e sua crítica aos novos modelos pedagógicos do século XX, entre eles o pragmatismo de John Dewey. Ressalta-se a importância dos teóricos acima mencionados, para a ciência da educação, ao proporem novos olhares e práticas para este campo. Busca-se entender como é possível agregar a valorização das tradições sociais ao ganho dos novos conhecimentos científicos, realizando toda uma exposição bibliográfica e reflexiva. Evidenciamos conceitos presentes na obra de Arendt “Entre o passado e o futuro”. Conclui-se então que o conhecimento deve estar pautado nas construções sociais que se perpetuaram e regeram toda a história da humanidade, construções que engendram os discursos de conhecimento entre os outros e o mundo.

Palavras-chave: Hannah Arendt, Pragmatismo, Pedagogia, Educação.

INTRODUÇÃO

A abordagem apresentada neste trabalho, intitulada Pensar educação: O pragmatismo e a crítica de Hannah Arendt, desencadeou-se a partir do interesse de conhecer as contribuições da filosofia e sociologia para a educação. Esta relevância surgiu através de textos e seminários explanados na disciplina de Sociologia da educação. Portanto, apesar das exposições e reflexões realizadas possuírem caráter primariamente filosófico, este parte do pressuposto de complementar e prezar pela sociologia da educação e suas contribuições para os cursos de educação. Evidenciamos a importância desse campo epistemológico para a construção educacional, incitamos as abordagens que destacam a infância, como expõe Delgado, *et al* (2005):

a perspectiva sociológica deve considerar não só as adaptações e internalizações dos processos de socialização, mas também os processos de apropriação, reinvenção e reprodução realizados pelas crianças. Essa visão de socialização considera a importância do coletivo: como as crianças negociam, compartilham e criam culturas com os adultos e com seus pares.

Desta maneira consideramos as crianças como seres motivadores de reflexões, construções e críticas organizadas, entendendo haja vista que existe algumas limitações

¹ Artigo resultado de pesquisa bibliográfica para elaboração de TCC.

² Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará- UFPA, dcarolinalima@gmail.com;

(83) 3322.3222

relacionadas aos campos empíricos em que inserem-se, não obstante enalteçemos a importância dos adultos como facilitadores destes processos, neste âmbito mencionamos o quanto válida é o repasse das tradições – sociais – estas devem ser conduzidas pelos adultos. A criança deve ser capaz de dar nomes as coisas, aos acontecimentos, falar sobre o mundo e de redizer ele segundo suas próprias interpretações. Por isso a escola deve ser capaz de ocasionar na criança a superação da estranheza perante o novo mundo, para que assim ela torne-se participante ativa dele. Desta maneira a intervenção dos adultos ao nascer da criança é fundamental para a futura contribuição que essa criança trará consigo. A compreensão em relação ao mundo novo e público do novo ser, situasse em os mais velhos transmitirem valores e princípios. Almeida (2010) ao expor sobre Hannah Arendt, afirma que querendo ou não o mundo em que vivemos, foi legado por aqueles que nos antecederam; pode-se inventar algo novo ou aceitar este mesmo, mas não é possível se desfazer do passado e as crianças precisam então apropriarem-se disto. Portanto, com a chegada dos novos seres no mundo é possível escolher o que se pode fazer com a tradição, pode-se modificar, descartar ou uni-las nas outras tradições.

Com isso, evidenciou-se a importância de estudar no curso de pedagogia, teóricos que valorizaram a reflexão e crítica aos modelos pedagógicos, que durante a história da educação apresentaram-se. Hannah Arendt durante o século XX conseguiu inferir significativas análises sobre as ações humanas e como elas se relacionam e afetam o mundo comum. Essas relações estão configuradas em todas as práticas dos sujeitos, com isso alcança o modo como as pessoas repassam e constroem os saberes, no caso a educação. Após a primeira grande guerra, o mundo buscava se reconstruir, acreditava-se que a educação poderia auxiliar as pessoas neste processo, podendo transformar os indivíduos através de novos valores. Com isto, emergem novas propostas curriculares, entre elas a escola nova, que buscava centralizar o papel do aluno, como o percussor de todo saber. No entanto Arendt demonstra que a educação não deveria centralizar-se somente nas crianças, mas valorizar principalmente o amor mundi. . Essa visão de valorização das crianças remete a ideia de enfatizar o novo e crer que o passado é obsoleto, a teórica rebate vitalmente, quando apresenta que o mundo é herança para os recém-chegados. Desta maneira, Hannah auxilia a entendermos um dos papéis fundamentais da educação, que seria o de contagiar os sujeitos para o amor *mundi*. Segundo Aguiar (2010) “capacidade de se associar e de se igualar aos outros através da palavra e da ação, e tradução da consciência do pertencimento ao mundo comum”.

Distintamente a esta abordagem, apresenta-se a tendência pedagógica pragmática e seu modelo, todavia notamos a importância da filosofia pragmática para a humanidade, partindo

do século XIX, esta idealiza-se com o protagonismo das ciências modernas, pressuposta pelo empirismo inglês, epistemologicamente manifestada com métodos sistematizados de análise. Fiorentino (1994, p. 10 *apud* SILVA 1989, p. 6) expõe acerca do empirismo:

A crença de que o conhecimento provém de fontes externas ao indivíduo tem suas raízes em LOCKE (séc. XVIII). Segundo a visão empirista de Locke, "todo o conteúdo mental resultaria da experiência. A mente seria uma folha em branco, uma 'tábua rasa'. Todas as ideias proviriam da experiência. Daí ser educação um processo de fora para dentro"

A partir disto, no início do século XX o pragmatismo se concretiza como corrente filosófica, baseada nas teorizações de William James (1842-1910) e Charles Peirce (1839-1914), posteriormente difundidas e discutidas por John Dewey (1859-1952), que aplicou no campo da educação, acarretando na pedagogia progressiva, base principal para a escola nova; portanto, compreende-se e destaca-se a validade desta corrente para o pensar das sociedades contemporâneas.

Acredita-se ser necessária a introdução ao contexto, que permeia a base para esta exposição. A abordagem de Hannah Arendt no âmbito educacional se configura primariamente em seu texto "A Crise na educação", onde nas décadas de 50 à 60 ela debruçasse, para entender as questões norteadoras e conflituosas da educação americana. Depreende-se então que os modelos pedagógicos que se estabeleceram, como oposição à escola tradicional, contribuíram para a crise da falta de tradição e autoridade com/para o mundo. Hannah Arendt nunca defendeu ou desmereceu as propostas pedagógicas tanto liberais (tradicional e religiosa) ou renovadas (Pragmatismo, Montessoriana, Culturalista, Ativa – Piaget), mas torna-se figura importante ao analisar, refletir e debater sobre todos os âmbitos das inferências sociais, acarretadas pelas práticas pedagógicas.

Propõem que esse é o momento de pensar e refletir sobre o que é educação e assim ponderar sobre a responsabilidade e seus fins. Em *A crise da educação*, busca-se respostas, mas não apresenta propostas e sim uma grande reflexão sobre a educação atual e tradicional. Buscamos alcançar a compreensão do papel e o lugar das crianças e dos jovens na educação e no mundo, através de um repasse e construção de saber, pautado em reflexões e conhecimentos científicos estruturados.

Este trabalho possui como objetivo geral, apresentar as reflexões arendtianas sobre educação e suas críticas à filosofia pragmática da educação. Especificou-se alcançar a compreensão dos conceitos e bases teóricas, relativos às concepções educacionais de Hannah Arendt e de John Dewey e ainda realizar uma crítica à ideia de uma educação pautada

unicamente na prática da experiência e em resultados concretos, baseada no repasse de conhecimentos preferencialmente técnicos.

Para isso, houve o esforço de refletir sobre Como é possível alcançar na contemporaneidade, uma educação reflexiva e democrática que vise a valorização das tradições e conhecimentos?

METODOLOGIA

Na concretização da produção deste artigo utilizou-se como metodologia a pesquisa bibliográfica de cunho qualitativa, tendo como bases livros, artigos, teses e resenhas. Priorizou-se em evidenciar os conceitos presentes nas obras de Arendt de “Entre o passado e o futuro” e a “Condição Humana”. A estrutura deste artigo está dividida em quatro seções: A primeira seção intitula-se “Introdução” tem como objetivo a apresentação deste trabalho e a importância da filósofa política Hannah Arendt para as abordagens educacionais. Na segunda seção, intitulada ‘o pragmatismo na educação’, procurou-se conceituar o que é educação, segundo a tendência pragmática e o olhar de Arendt. Além desses conceitos importantes, procura-se evidenciar o pensamento filosófico da teórica estudada, sob o pensamento dos teóricos defensores da escola pragmática e as críticas realizadas pela pensadora do século XX à este modelo pedagógico. Na terceira seção, intitulada “Discussão”, busca-se evidenciar os pressupostos Arendtianos para uma prática educacional na contemporaneidade, refletindo sobre o papel da escola e do professor na atualidade, partindo de uma prática que alcance uma sociedade reconhedora de suas tradições e ao mesmo tempo contribua para o desenvolvimento de novos conhecimentos. E por fim, na quarta seção do trabalho, a Conclusão deste artigo trazendo minhas considerações acerca da temática apresentada.

DESENVOLVIMENTO: O PRAGMATISMO NA EDUCAÇÃO

Em a *crise na educação*, texto que é parte da obra *entre o passado e o futuro*, Hannah Arendt analisa como as propostas pedagógicas são parte fundamental para a crise educacional. Então ela enumera três pressupostos, que fomentam toda a exposição, a primeira está relacionada à ideia que exista um mundo infantil e que ele deve ser governado pelas próprias crianças e há o segundo e terceiro pressupostos que baseia-se primariamente nos conceitos psicológicos e do pragmatismo. O segundo referente às formas de ensinar, emancipando o professor das matérias e o terceiro às formas de aprender, substituindo na verdade o aprender pelo fazer. Essas são características mais simplórias, relacionadas à educação pragmática, a

crise na educação e o olhar de Hannah Arendt, não obstante é de extrema importância realizar exposição acerca da ótica de John Dewey sobre a educação progressiva.

John Dewey foi um filósofo americano, sendo maior propagador da filosofia pragmática, idealizada por James e Peirce. Esta corrente de pensamento surge como crítica a um conhecimento absoluto, destacamos uma das correntes criticadas, o racionalismo, que tinha sua base epistemológica ligada à ideia de que o conhecimento é adquirido pela razão. Para os teóricos pragmáticos o conhecimento é adquirido pela ação/prática; o termo grego *pragma* significa *ato*; a razão poderia transformar o conhecimento, mas somente se originaria pela ação de observar. Além do que o conhecimento não deveria se pautar em dualismos, sentidos ou ideias, física ou metafísica, religião ou ciência, prática ou teoria etc. O conhecimento é uma parte de todos os campos que relacionam-se com as vivências humanas. Partindo disso, Dewey elabora todas as suas obras, interligando com conceitos de Democracia, Psicologia (funcionalismo) e Educação; enfatiza-se que esses três conceitos, dialogam entre si, formando todos os arcabouços teóricos de John Dewey. Sobre essas concepções destacamos:

A educação para ele é o laboratório onde deve ocorrer a aprendizagem da democracia. Ele se preocupava também com uma filosofia aliada a temas sociais e políticos e sua filosofia envolve a rejeição aos conceitos abstratos e transcendentais. Nosso autor almejava romper com a visão de superioridade da racionalidade defendida pela filosofia intelectualista. Ele se autodenominava de anti-intelectualista, termo usado para reafirmar o seu pragmatismo filosófico. Ele rejeita a superioridade do mental em detrimento da prática ou da experiência. Em virtude disso, para Dewey, tanto o intelecto quanto os sentidos e a ação se misturam numa única complexidade. (NASCIMENTO *et.al* 2015, p. 34)

A educação Deweyana nomeada tanto *pragmática* ou mesmo como ele enfatizava *progressiva*, caracteriza-se pela imponência da valorização da experiência como motivador para a aprendizagem das crianças, ou seja, essa experiência seria a matéria prima para o conhecimento. Além disso, o ponto de partida para a formação dos conteúdos e atividades torna-se o interesse dos alunos, com isso o brincar é um dos maiores mecanismos nos processos educativos. Os professores selecionariam os conteúdos baseados nos interesses e os adaptariam nos contextos empíricos que esses alunos possuem, valorizando a solução de problemas dos cotidianos. Entende-se então que esses sujeitos seriam ativos e visibilizados, quanto que seu professor seria como uma guia. A escola progressivista consistiria de papéis e funções democráticas, havendo a convicção que democracia é para ser praticada como objeto de pensamento, que contribui tanto para o bem estar social, quanto para a sobrevivência dos seres.

Sobre a escola para Dewey expõe-se:

A primeira função do órgão social que denominamos escola é proporcionar um *ambiente simplificado*. Selecionando os aspectos mais fundamentais, e que sejam capazes de despertar reações por parte dos jovens, estabelece a escola, em seguida, uma progressão, utilizando-se dos elementos adquiridos em primeiro lugar como meio de conduzi-los ao sentido e compreensão real das coisas mais complexas. [...] Em segundo lugar, é tarefa do meio escolar eliminar o mais possível os aspectos desvantajosos do ambiente comum, que exercem influencia sobre os hábitos mentais. Cria um ambiente purificado para a ação. [...] Toda sociedade vive atravancada, comumente, com a galharia seca do passado e com outras coisas verdadeiramente perniciosas. É dever da escola omitir tais coisas do ambiente que proporciona, e deste modo fazer com que se neutralize sua influência no âmbito social comum. [...] À proporção que a sociedade se torna mais esclarecida, ela compreende que importa *não transmitir e conservar* todas as suas realizações, e sim unicamente as que importam para uma sociedade futura mais perfeita. [...] Em terceiro lugar, compete ao meio escolar contrabalançar os vários elementos do ambiente social e ter em vista dar a cada indivíduo oportunidade para fugir às limitações do grupo social em que nasceu, entrando em contato vital com o ambiente mais amplo. (DE ANDRADE, 2008, p. 44 *apud* DEWEY, 2009, p. 21-22).

Ressaltamos que essas caracterizações podem ocupar-se em outros conceitos de modelos pedagógicos, como o empírico ativista, termo apropriado por Dário Fiorentino (1994) “Assim, para os empirico-ativistas, o conhecimento matemático emerge do mundo físico e é extraído pelo homem através dos sentidos”.

Ressalta-se então a relevância contextual em que o modelo pedagógico pragmático encontrava-se, pois este emerge como principal crítica aos modelos tradicionais de ensino, que perpetuaram-se desde eclosão da modernidade. Com isso, há uma nova nomeação em demanda, *a escola nova*. Com a apreciação das questões psicológicas, o desenvolvimento é o cerne da educação, contrariando o conteúdo/matéria defendido pela escola tradicional, os interesses e experiências dos alunos são defendidos como prevalência, acarretando assim no desenvolver da criatividade, não há supremacia da teoria, mas sim um plano de por em prática as teorias; essas características perpassam por vários educadores, não somente os pragmáticos, dessa maneira a escola nova torna-se referencia, partindo dos Estados unidos para diversos países.

No Brasil a Escola Nova ganha destaque a partir de 1928 com a reforma educacional e com os manifestos dos pioneiros da educação nova em 1932. Difundido principalmente por autores como Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira, este ultimo que foi um dos grandes precursores do pragmatismo no Brasil, responsável por tradução de diversos livros de John Dewey para o Português. Almejando influenciar no desenvolvimento da democratização e industrialização, caracterizava os ideais desta corrente no país, que possibilitou um maior diálogo sobre como a escola podia enfrentar os emblemas sociais e uma idealização das escolas de aplicação que possuíam um currículo integrado com conteúdos técnicos formativos.

Por fim, destaca-se que os contextos sociais eram os precípuos de influencia de toda teoria pragmática na educação, a ascensão capitalista dos Estados Unidos e como isto reflete nas relações de poder, trabalho – mão de obra e consumo e concomitantemente com a formação das massas; essas reflexões tornam-se mais evidente ao analisar as questões educacionais, que o autor norte americano defende, mas para isso é necessário adentrar nas críticas à corrente de pensamento.

Evidencia-se então a principal característica desta corrente; o conceito de experiência e não tão somente a ação, pois a ação é o processo para aquisição daquilo que gera o saber, que no caso é a experiência, para Dewey 2008 “para ser capaz de atribuir um significado aos conceitos, uma pessoa deve ser capaz de aplica-los à existência”. Desta maneira a análise de educação do pragmatismo se perpassa pela busca do conhecimento e seu desenvolvimento através da experiência. Seria através da experiência que todo o constitutivo de uma sociedade é formado, como suas tradições. Costa 2016 destaca os motivos que levaram ao filosofo permear todo seu estudo na experiência

O fato de a experiência fundamentar toda concepção de educação, tanto tradicional quanto nova, diferenciando-se pelo tratamento e importância dada por cada uma delas à experiência; por que a origem do conhecimento está na relação estabelecida entre as condições subjetivas e objetivas (continuidade entre humano e natural, ser e mundo, individuo e sociedade), sendo essa relação um dos elementos que constituem a experiência, a interação; pelo motivo de que e pela experiência que se mantém apenas na espécie humana aquilo que morre em todas as outras, o conhecimento acumulado, a continuidade da evolução do pensamento reflexivo, sendo esse elemento o outro constituinte da experiência, a continuidade; pelo fato de outras ciências das físicas, matemáticas e médicas (exatas e biológicas) já utilizam da experiência controlada como seu método principal de produção de verdades científicas. (Grifo meu)

DISCUSSÃO

Apresenta-se em discussão a análise realizada pela filósofa política Hannah Arendt à teoria educacional pragmática já explicitada. Encetando do pensamento exposto em A crise na educação, Hannah considera que o pragmatismo é um dos responsáveis pela crise que instaurou-se (mais observável, porém havia déficits educacionais por todo o mundo) pela América no século passado, pós segunda guerra, crise que foi evidenciada no âmbito educacional. Os Estados Unidos ao terminarem a guerra e tornando-se uma grande potência mundial que propagava a democracia e igualdade como princípios e alcançava desenvolvimento nas áreas tecnológicas, buscava entender e conseguir converter a realidade dos baixos índices de desenvolvimento na educação básica. A teórica expõe que as novas correntes, que eclodiram como “o novo” para a pedagogia, resultaram em crianças passivas, que perderam práticas próprias e culturais, ao se verem assentadas nas ações próprias de

adultos. Isso significa que o brincar espontâneo passou a ser um modelo para as atividades futuras. A ideia de aprender pelo fazer é considerada uma obviedade “Esse pressuposto básico é o de que só é possível conhecer e compreender aquilo que nós mesmos fizemos, e sua aplicação à educação é tão primária quanto óbvia: consiste em substituir, na medida do possível, o aprendizado pelo fazer”.(ARENDDT, 2016, p.153).

Para a filósofa esta pedagogia foi responsável em transformar a escola em um instituto vocacional, onde as crianças deveriam aprender a conhecer o mundo pelo simples fato de relacionarem-se com ele e aprenderem os conhecimentos pela experimentação, inculcando assim habilidades e não saberes. Neste processo o brinquedo virou recurso para a construção dos conhecimentos, impondo sempre uma didática, para as práticas que deveriam ser unicamente espontâneas, neste caso o brincar. A criança deveria aprender uma língua estrangeira, por suas vivências interligadas às práticas educativas concebidas, retirando qualquer contato deste estudante com os conteúdos gramaticais. Para Hannah estes pressupostos incidem em uma supra valorização do mundo das crianças, isto que pode parecer algo benéfico, em outra escala acarreta em crianças que se tornam vítimas, em mundo tirano, onde estas estão sobre o cuidado dos seus iguais, sendo retirada toda assistência dos adultos às crianças. Isto ainda promove nas dificuldades de relacionamento entre os mais novos e os mais velhos, o que empecilha nas aquisições dos conhecimentos, isto em longo prazo provoca a volta de pedagogias altamente tradicionais, voltadas unicamente na formação trabalhista e aquisição de conhecimentos, sem realmente um ensino democrático que possibilite a formação cidadã consciente e independente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou apresentar duas reflexões acerca da ótica filosófica perante a sociedade e o seu fazer educativo. Partindo das análises sobre a crise da educação, se expôs a teoria pragmática e as contemplações arendtianas sob esta prática pedagógica. Conclui-se então a importância do educador para as crianças, pois para Hannah a Natalidade é a base para a educação, isto significa que enquanto houver recém chegados, os educadores possuem o papel de possibilitarem a mediação destes indivíduos com o mundo, fazendo com que estes processos estejam sempre dinamizados, pela própria organização da sociedade. Para isto, a criança assume-se como o objeto da educação, por estarem em constante formação, assumindo no futuro a responsabilidade de preservação do mundo. Portanto os educadores devem empoderar-se da autoridade de serem representantes do mundo, os quais possibilitam que estas crianças entendam como funciona este espaço de todos, quais são seus papéis

sociais e como podem se relacionar de forma responsável, cuidadosa e criteriosa perante o mundo. Estes efeitos devem ser conquistados através das práticas pedagógicas, que fomentam o repasse dos conhecimentos que se instauraram tradicionalmente, que valorizem a autoridade do educador como transmissor dos saberes científicos e mediador do mundo e a criança. A mudança que a sociedade tanto espera no mundo e as superações nas crises educacionais, somente podem se galgadas quando a educação for considerada o bem mais incalculável neste mundo; quando a valorização dos profissionais da educação alcancem o prestígio que lhes são cabíveis e quando se olhar verdadeiramente com a atenção, cuidado, respeito para as crianças e potencializando seus direitos.

Resumo esta consideração em um conceito: Amor Mundi. Através do seu compartilhamento pela educação será possível uma sociedade menos arbitrária e alienada. Destarte, considera-se

O amor mundi “é o princípio de ação por excelência daqueles que elegeram a docência como forma de inserção e atividade no mundo” (CARVALHO, 2013, p. 100). Como princípio de ação, é ético, é político e pode, portanto, inspirar novas práticas no campo educativo. Talvez o maior desafio a ser enfrentado seja a convivência numa pluralidade. Um enfrentamento que precisa ser feito para recuperar o sentido de pertencimento a um mundo comum. Talvez por isso mesmo fosse preciso tornar as pessoas mais sensíveis às diferenças, o que demandaria de nós, professoras e professores, a tarefa de educar, instruir e nutrir o espírito de discernimento. (DE FREITAS FELICÍO, 2017, P.983)

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Odílio Alves. A amizade como amor mundi em Hannah Arendt. **O que nos Faz Pensar**, v. 19, n. 28, p. 131-144, 2010.

ALMEIDA, Vanessa Sievers de. A distinção entre conhecer e pensar em Hannah Arendt e sua relevância para a educação. **Educação e Pesquisa**, v. 36, n. 3, 2010.

_____. Recém-chegadas e estranhas: **as crianças e o mundo comum na obra de Hannah Arendt**. Revista de educação Pública. v.22, n.49/1, 2013.

ARENDT, Hannah. A crise na educação: entre o passado e o futuro. **SP: Perspectiva**, 1972.

BRISKIEVICZ, DANILO ARNALDO. HANNAH ARENDT E O PRAGMATISMO: ESTUDO DAS FONTES BIBLIOGRÁFICAS. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 12, n. 25, 2017.

CORREIA, Adriano. Hannah Arendt (1906-1975). **Revista Ética e Filosofia Política**, v. 1, n. 9, 2006.

COSTA, Renato Augusto da. Os elementos constituintes e as características da concepção de experiência na obra de John Dewey. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

CUNHA, Marcus Vinicius da. John Dewey e o pensamento educacional brasileiro: a centralidade da noção de movimento. **Revista Brasileira de Educação**, p. 86-99, 2001

DA COSTA, Pedro Paulo Pereira. O papel do educador na concepção de Hannah Arendt. 2010.

DE FREITAS FELÍCIO, Carmelita Brito. Hannah Arendt e a crise na educação: "o que nos faz pensar?". Revista Educativa-Revista de Educação, v. 19, n. 3, p. 967-982, 2017.

DE ANDRADE, Flávio Rovani. A crise na educação de Hannah Arendt e a crítica às concepções educacionais do pragmatismo. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação (RESAFE)**, n. 10, p. 32-45, 2008.

DE SOUZA, Rodrigo Augusto. A filosofia de John Dewey e a epistemologia pragmatista. **Redescrições**, v. 2, n. 1, 2010.

DO NASCIMENTO, Edna Maria Magalhães. A influência da Filosofia Pragmatista de John Dewey no Movimento dos Pioneiros da Educação Nova. **Revista Fundamentos**, v. 2, n. 1, 2015.

DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, Fernanda. Sociologia da infância: pesquisa com crianças. **Educação & Sociedade**, v. 26, p. 351-359, 2005.

DEWEY, John; RODRIGUES, Cassiano Terra. O desenvolvimento do pragmatismo americano. **Cognitio-Estudos: revista eletrônica de filosofia**, v. 5, n. 2, 2008.

EVERLING, Cassiana. UMA LEITURA DE HANNAH ARENDT SOBRE TRADIÇÃO E AUTORIDADE NA EDUCAÇÃO. In: **Anais do Congresso Estadual de Teologia**. 2016. p. 646-653.

FERRARO, José Luis Schifino. A crise na educação entre o passado e o futuro. **Educação por escrito**, 2015

FIorentini, Dario. Alguns modos de ver e conceber o ensino da matemática no Brasil. *Zetetiké*, v. 3, n. 1, 1995.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Verbetes Escola Nova. *Dicionário Interativo da Educação Brasileira - Educabrazil*. São Paulo: Midiamix, 2001. Disponível em: <<https://www.educabrazil.com.br/escola-nova/>>. Acesso em: 12 de jun. 2019.

SAVIANI, Dermeval. As concepções pedagógicas na história da educação brasileira. **Texto elaborado no âmbito do projeto de pesquisa “O espaço acadêmico da pedagogia no Brasil”, financiado pelo CNPq, para o “projeto**, v. 20, 2005.

SOARES, José R. **O (neo) pragmatismo como eixo (des) estruturante da educação contemporânea**. 2007. Tese de doutorado. Tese (Doutorado em educação). Programa de Pós-graduação em educação brasileira, Faculdade de educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.

TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. Pragmatismo, experiência e educação em John Dewey. **Poços de Caldas: ANPEd**, 2003.

WESTBROOK, Robert B.; TEIXEIRA, Anísio. **John Dewey**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010.